

Higiene e sanitarismo em Goiás no século XX

Natália Ribeiro da Silva Godoi ¹ (IC) marcinhoenaty@gmail.com

¹ Rodovia GO-418, Km-01; Bairro: Alto da Boa Vista; CEP: 76270-000; Jussara-GO.

Resumo: No século XX não havia muita preocupação com a higiene e o sanitarismo, por esse motivo é que surgiram muitas epidemias e doenças que assolavam a população, causando a morte de muitos. As pessoas não exigiam tanto das autoridades, com isso muitos morriam por doenças simples. Com o passar dos anos, além de todas as mortes, foram criadas leis que regulamentassem acerca da higiene e do sanitarismo em Goiás. Com todo esse acontecido, houve uma grande preocupação sobre a saúde, os médicos com seus movimentos sanitaristas começaram a conscientizar a população e o governo, além da criação de esgotos nas cidades e de cemitérios fora delas, por causa do mau cheiro que causava no seu interior. A população começou a viver numa nova era de regras e regulamentos sobre essa questão, sempre sendo fiscalizada se estava a cumpri-las. Sem mencionar ainda que estava vivendo um novo momento, uma transição de governo, passando da Monarquia para a República, isso exigia uma nova postura da população e o país estava indo rumo à modernidade.

Palavras-chave: Doenças. Epidemias. Movimentos Sanitaristas. Leis.

Introdução

O presente trabalho visa mostrar como se encontrava a saúde pública em Goiás no século XX. Destacando alguns pontos relevantes, que caracterizavam o sanitarismo e a higiene das cidades. Veremos aqui, que não existia uma estrutura de saúde pública que abrangesse a população e que a prevenisse das epidemias e das diversas doenças ligadas às questões de higiene. Posteriormente, foram criados movimentos sanitaristas que tiveram muitos adeptos, como a elite política entre outros.

Os movimentos foram de muita importância para a população, pois conscientizavam o povo sobre doenças que poderiam ser evitadas. O movimento comoveu a elite política, a qual defendeu projetos no Congresso Nacional a favor de medidas de saneamento e emendas que obrigava o Estado a interferir nas questões de saúde pública. O momento que estava a viver no Brasil nessa época era de mudança, um novo regime estava sendo implantado, onde a monarquia dava lugar à República.

A crise surgiu entre o governo e algumas camadas da sociedade que a sustentava, como a igreja, que tratava das questões religiosas, o exército, com os oficiais, os senhores de terras, com as leis de abolição e também a elite política, insatisfeitos com a representação do poder central, culminou com a forte crise da monarquia. As crises sempre existiram dentro do império, as insatisfações também foram presentes, mas o governo constantemente soube administrar essas divergências. Todavia as mudanças que aconteceram das décadas de 1870 e 1880, com a discordância do setor político e econômico, entre outros, mudaram o rumo das coisas. A República foi implantada mais pela incompetência da monarquia de se articular, do que pela promessa do prestígio que o novo regime poderia trazer.

As doenças estavam em diversos lugares, tanto dentro das casas como nas ruas. Tudo isso é devido à falta do mínimo de cuidado com a higiene, espalhando a morte pelas cidades e aterrorizando a população. Logo, começou-se a pensar na necessidade de fiscalizar os alimentos e o comércio. O governo só ficou sensibilizado com a causa a partir dos movimentos sanitaristas e à medida que os médicos faziam campanhas em prol da mesma. Acreditava-se que um país com educação e sem doenças, era um país que estava rumo ao progresso.

Resultados e Discussão

No estado de Goiás não havia muita preocupação com a higiene, não existia saneamento básico e na maioria das vezes, as pessoas jogavam as suas fezes e urinas pela janela. Esse ato contaminava toda a cidade, além de deixar um mau cheiro muito grande. As pessoas tinham o hábito de andar pelas ruas olhando para cima, a fim não correrem o risco de tomar um banho desagradável. Um banho desses poderia ser contagioso, causando até doenças, como não havia muitos médicos ou hospitais e até mesmo por as pessoas não conhecerem a medicina, poderia levar à morte.

Enterrar os mortos nas igrejas era outra prática muito perigosa para a saúde pública, pois havia o risco de contaminar a população. Em Goiás existia inúmeras igrejas que tinham esse costume. As pessoas acreditavam que era vantajoso enterrar seus entes nas igrejas ou perto delas, estariam assim mais perto do céu. Mais com o tempo, por causa das grandes epidemias, fora proibido os enterros nas

igrejas. A proibição se deve ao fato de que o corpo em decomposição libera uma toxina chamada de necrochorume que contamina o lençol freático, com isso então foi criado um órgão para legislar, coibir e proibir tais práticas. Com o surgimento desenfreado de várias doenças, as autoridades públicas acabaram criando alguns órgãos para o controle das epidemias, como a Repartição de Higiene no estado, aprovada pelo Congresso Estadual através da Lei nº 357 de 22 de julho 1909.

A saúde pública estava constantemente associada às doenças e à morte, deixando transparecer somente o lado ruim da mesma. Havia uma preocupação maior em hostilizar o problema do que preveni-lo. No final do século XIX e começo do século XX, os médicos tiveram um papel muito importante nos movimentos higienistas, ficando mais conhecidos como sanitaristas do que pela prática da medicina tradicional. A medicina passou a ser enquadrada como aquela que tem o poder disciplinar, e os médicos aqueles encarregados de preparar a população para o novo que esta por vir, que era o processo de capitalização. A ordem agora era estabelecer mudanças, as quais deveriam ser seguidas, pois já havia uma nova forma de governo e a população deveria estabelecer-se em novos trilhos, os trilhos da modernidade.

Considerações Finais

Assim que passou o surto epidêmico e depois da mortandade de pessoas por várias doenças, começou surgir a preocupação dos médicos, culminando nos movimentos higienistas. Algumas práticas da população também colaboravam para que as doenças espalhassem. Os dejetos de toda a população eram jogados pela janela de suas casas, sem nenhuma preocupação com o saneamento básico. Os corpos dos falecidos eram enterrados nas igrejas sem o devido cuidado, contaminando o solo com uma substância que o nosso corpo elimina quando está em decomposição.

Os médicos e os higienistas viram a necessidade de implantar medidas para o controle de doenças, assim sendo, criaram movimentos de conscientização da população e das autoridades a respeito dessa urgência sanitária. As pessoas começaram a conscientizar-se de que tal atitude era prejudicial, principalmente o

governo, o qual estabeleceu medidas para prevenção e tratamento de doenças, como a construção de hospitais para o atendimento do povo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado a vida e a oportunidade de estudar. Imensamente aos meus pais, Valdemar e Lucélia, pelo incentivo nos estudos, desde muito cedo lutando para que eu seja uma pessoa com um futuro melhor. A meu marido, Marcio Godoi, por instigar a buscar mais sabedoria sempre. Ao professor orientador, Doutor Deuzair Silva, que no cotidiano esteve e ainda está pronto a ajudar, auxiliando em todas as dúvidas que surgiram no decorrer dos dias. Por fim, à universidade que proporcionou este curso e as condições necessárias para cursá-lo.

Referências

BUCHALLA, Cássia Maria; WALDMAN, Eliseu Alves; LAURENTI, Ruy. **A mortalidade por doenças infecciosas no início e no final do século XX no município de São Paulo**. Rev. Bras. Epidemiol. Vol. 6, Nº 4, 2003.

CARNEIRO, Victor Santos. **Impactos causados por necrochorume de cemitérios: meio ambiente e saúde pública**. XV Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas Salvador: UFB, 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida em grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Angela; LUZ, Rogério; MURICY, Katia. **Danação da Norma: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.